

Relatório: PROJETO DE EDUCAÇÃO COM KULINA NO A TO ENVIARA

Elaborado por: Kamaú (OPAN)

Apresentado no Encontro de Educação Indígena em São Lourenço de Fatima, (MT), fevereiro de 1982.

COMO SURTIU A NECESSIDADE DE ESCOLA PARA O POVO E EXPECTATIVAS EM RELAÇÃO A ELA:

Quando estavam em contato com a fazenda, havia lá uma escola de Mo-bral, e o patrão forçou os índios (homens adultos) a entrar para a escola, em 1976. A experiência durou no máximo 2 semanas; e os índios se retiraram, completamente insatisfeitos.

Um dos índios teve contato com o SIL, no Peru, onde ele ouviu falar em escola.

Eles colocavam a necessidade de escola com o argumento de que é um instrumento para se defender do marreteiro. Mas isso pode não ter sido uma idéia original do grupo, dadas as interferências pré-existentes.

Por outro lado, eles mostravam interesse - talvez por questões de prestígio - de poderem se comunicar por escrito com outras aldeias Kulina no Purus, no Acre e no Peru já em processo de alfabetização.

Inicialmente, a única função da escola era considerada a alfabetização, na língua e em português.

VISÃO INICIAL DO EDUCADOR SOBRE A ESCOLA:

Possibilidade de reunir o grupo em torno de um espaço concreto, grupo que estava disperso por fazendas e seringais como resultado da desintegração provocada pela situação de contato. Essa concentração periódica das pessoas através de escola, permitiria por outro lado a colocação e discussão de problemas que o educador via como importantes/urgentes para a sobrevivência do grupo. E ao mesmo tempo havia a crença de que isso seria instrumento útil para a reafirmação da intensidade do grupo.

O domínio da língua escrita existia apenas como um elemento a mais nesse processo.

Com o andamento desse processo educativo, houve mudanças tanto na visão e expectativas iniciais dos indígenas como do educador:

- por parte dos índios, houve a descoberta da importância de espaço escolar para a discussão e conscientização dos problemas do grupo frente a sociedade nacional no seu contexto regional específico.

- Houve também e talvez principalmente a incorporação criativa de código escrito a cultura:

A ESCRITA AGORA É PARTE INTEGRANTE DA CULTURA KULINA (dessa aldeia que passou por tal processo). A comunicação escrita entre as aldeias, tanto de um lado como do outro da fronteira (Brasil, Peru), de um rio para outro, é intensa. Além disso, os índios começaram espontaneamente, fora da escola, a documentar os cantos e mitos dos diferentes grupos, para uso próprio do grupo, por prazer e necessidade interna de desenvolvimento da própria cultura. (É uma necessidade diferente da criada pelo uso da roupa, sal, municação, etc.)

Quanto ao educador, a surpresa com o desenrolar desse processo de incorporação cultural da escrita não esperado por ele, forçou-o a reformular a visão que tinha do processo de alfabetização como mero instrumento, secundário, de politização do grupo, que lhe permitisse um enfrentamento mais eficaz com o "inimigo": as diversas agências da sociedade envolvente.

- em decorrência disso, colocou-se para ele a necessidade de pensar em meios eficazes de garantir a continuidade e ampliação dessa nova aquisição cultural para toda a nação Kulina. Ou seja, como fazer com que o próprio desenvolva mecanismos eficazes de transmissão desse às futuras gerações, sem o intermédio constante de uma pessoa de fora, o branco.

METODOLOGIA USADA:

Contando com o quadro fonológico estabelecido pelo SIL, que em anos anteriores atuaram no Peru com uma parcela do grupo Kulina e um vocabulário, muito restrito, iniciou, o alfabetizador, um processo de fichas em cartolina no qual podia se ler a palavra em Kulina e no verso desta a palavra em português para o aprendizado do educador. Na medida em que os índios visualizavam e pronunciavam a palavra o alfabetizador memorizava do verso a palavra ~~em~~ traduzida para o português. Introduzindo-se assim no aprendizado do idioma tribal que ainda lhe era desconhecido. O primeiro jogo de fichas constam de 40 unidades que foram substituídas por outras 40 na medida que o grupo e o alfabetizador dominavam inteiramente o jogo..

O objetivo deste método era de haver simultaneamente o aprendizado de gr do grupo na grafia e do alfabetizador na língua do grupo.

Paralelamente iniciou-se os exercícios de coordenação motora usando para tal as mesmas palavras contidas nas fichas.

Numa segunda fase as fichas continham quatro palavras e uma frase montada com as palavras das fichas. As frases eram sugeridas pelo grupo e versavam sobre o incentivo ao roçado, a caçada e a pescaria.

Na terceira fase partiu-se para a divisão silábica e quando o grupo dominou a escrita dos fonemas, iniciou-se um processo de correção das fichas anteriores nas quais alguns sons não correspondiam à grafia.

Ex: Jaquaro (na ficha)

Jacohuaro (na correção)

O tipo de letra usada era o Serifa visando com isso colocar o grupo em contato com palavras escritas pela imprensa: papéis e outros que apareciam pela aldeia.

O alfabetizador escrevia frases nos cadernos e o grupo as copiava até o final da folha.

Ex: madija pemijari (o índio tem fome)

muidaja sa'inana (vamos fazer roçado).

Montou também um quadro com todos os fonemas, em sílabas com as vogais. O processo de identificação das consoantes aspiradas foi exercitada por meio de uma folha de papel colocada em frente à boca que se move ou não com o sopro ao serem pronunciadas as palavras. Ex: ttatta, coeda, qqaiqqi, etc.

O problema de divisão das palavras foi enfrentado em parte por material já existente (SIL), em parte instintivamente.

Já nessa fase o grupo produzia novas frases e pequenos textos introduzindo novas palavras que o alfabetizador não conseguia identificar e segmentar. O trabalho acabou ficando bem individualizado, cada um no seu ritmo.

Um tema mais político-pedagógico só era possível após um certo domínio do discurso na língua tribal por parte do alfabetizador, uma vez que o grupo n o dominava a língua nacional.

Não houve muito interesse de os mais adiantados auxiliarem os demais e, para não forçar atitudes que não fossem iniciativa do grupo, as aulas ficaram bastante segmentadas: grupo que ainda necessitava das fichas, grupo que apenas montava outras palavras e grupo que produzia textos.

O grupo era basicamente composto por homens adultos exceto dois adolescentes, um de sexo masculino e 1 de sexo feminino.

A noite o grupo tem por hábito reunir-se com os mais velhos em suas malocas para comentários sobre o cotidiano: as caçadas, as descobertas, os mitos, os planes... e esses assuntos eram estendidos até a manhã seguinte na maloca onde residia o alfabetizador que por sua vez servia também de "escola".

Esses assuntos, juntamente com interpretações de sonhos, e problemas da aldeia em relação ao seu exterior eram provocados pelo alfabetizador que os escolhia como tema para textos após uma discussão prévia. Assim passou-se a produção de textos, com ilustrações feitas pelos componentes do grupo individualmente sobre a exploração do marreteiro, a depredação e o uso indevido do lago na área indígena feita pelo elemento branco oriundo da fazenda e povo da Hibeirinha, a invasão de fazendas e uma reestruturação da mitologia que estava ameaçada de ser esquecida pela desestruturação do grupo após o contato.

Na "escola" também foi possível pesquisar a genealogia do grupo onde todos participaram durante quase dois anos na busca das raízes clânicas das gerações mais antigas.

Inicialmente 12 pessoas atingiram certo estágio de continuidade, embora outras famílias dispersas pelos seringais incorporassem a aldeia do Igarapé do Anjo em busca de segurança e de um certo prestígio que a "escola" oferecia.

Houve questionamento por parte do grupo sobre o tipo de grafia usada pelos peões da fazenda entre (cursiva) que não correspondia a forma usada na aldeia (script). E por isso passou-se a forma cursiva.

Nos desenhos corporais é usada uma forma geométrica chamada POTATA e uma forma curvelínia chamada COTORIRI e assim essas formas foram incorporadas à escrita passando a ~~denominar~~ denominar a letra script de POTATA e a cursiva de COTORIRI.

Nesse meio tempo houve a criação de um posto indígena de FUMAI (PI Envira) em uma aldeia Kulina distante 1 dia de remo aproximadamente do Igarapé do Anjo e isso provocou o deslocamento de algumas famílias para o posto. Depois de alguns meses as famílias retornaram decepcionadas a aldeia de origem e isso serviu de assunto para a discussão na "escola" onde entraram textos que versavam sobre a valorização da aldeia onde há muitos roçados e a caça e pesca é abundante.

Em um outro momento foram usados mapas das áreas delimitadas no Acre para clarear ao grupo a situação das terras indígenas no Rio Envira e demais regiões de forma mais generalizada. Textos e desenhos foram empregados e desenvolvidos sobre esse tema em diversos momentos do processo pedagógico e isso culminou com a participação de 3 elementos da aldeia na assembleia de chefes indígenas na aldeia dos índios Jarauara, no município de Lábrea - Am.

Na maloca que servia de "escola" até então surgiu a necessidade de organizar um novo espaço, uma vez que da forma em que estavam dispostos (sentados em um tronco de palmeira escrevendo sobre as coxas) não era possível exercitar a caligrafia. O grupo resolveu fabricar de forma artesanal três bancos que abrigavam todos os elementos e favorecia o exercício de caligrafia. Naturalmente o grupo segmentou-se em 3 de acordo com as etapas do processo: um grupo que escrevia apenas palavras, outro que escrevia textos, e o último que exercitava a escrita cursiva.

ENSINO DA MATEMÁTICA:

O ensino da matemática exige um estudo mais aprofundado e pouca coisa conseguiu-se nesse campo. Houve somente a memorização dos números e a iniciação em algumas operações mais elementares. O aprendizado do uso da moeda corrente tornou-se difícil pelo fato de estar o grupo relativamente isolado e o intercâmbio comercial ser feito na base da troca por produtos agrícolas e ou de coletas. Foram elaborados exercícios de cálculos no idioma tribal usados para este fim.

O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA:

Iniciou-se em julho de 1981 com o aprendizado dos fonemas e do alfabeto que não estava incluído na fonologia do grupo. A língua portuguesa sem interferência da língua regional é a que foi estabelecida. O emprego da linguagem regional dificultaria a leitura de materiais impressos (boletins), jornais de notícias indígenas e materiais vindo de outros grupos tribais, etc.)

Como livro de leitura foi empregado "história de sangue" edição experimental.

Como livro de leitura foi empregado "história de sangue" edição experimental CIMI - Brasília que versa sobre a realidade dos grupos indígenas brasileiros, especificamente, da Nação Tapirapé. Foram feitas traduções e discussões na língua do grupo.

PERSPECTIVAS:

A ideia inicial foi a de fazer do Igarapé do Anjo um plano piloto de alfabetização político-pedagógica que, uma vez os objetivos alcançados irradiasse para outras aldeias Kulina (48 aldeias, inclusive com grupos ar- redios na bacia do Solimões) numa ampliação a nível de nação Kulina. O material pedagógico produzido na aldeia bem como dados etnográficos, ge- nealogia e mitologia, colhidos ao longo dessa experiência de aproximadamente 4 anos, está sendo elaborado para servir como base para a ampliação deste plano que pretende ser iniciado a partir de 1983.

QUESTIONAMENTOS:

- Que método mais eficiente pode ser empregado no ensino do português?
- Qual a forma correta de empregar a segunda língua: regional, coloquial, padrão?
- problemas de ortografia: corruptelas, empréstimos.
- continuidade do processo de escolarização: monitores?
- Continuidade do ensino de matemática: há outra metodologia?
- Como documentar uma experiência piloto?
- Como incentivar o uso constante da língua escrita dentro do grupo?
- O material didático deve vir pronto ou criado constantemente?
- Até que ponto a experiência escolar é incorporada à cultura, sendo trans- mitida às gerações vindouras?

- Quem vai ajudar a reflexão do Kanai no 2º semestre em SP/Campinas?
- Ler projeto livro Tikuna.
- possibilidade ampliar conceito de equipe: com gente da área e + 1 antropólogo e 1 linguista de fora